



Gesto contemporâneo no processo de ensino-aprendizagem digital

Wilton Garcia

Resumo: Entre comunicação e cultura, este texto apresenta um ensaio sobre a presença, a fim de destacar complexidades e contradições da atualidade. Trata-se de um exercício de escrita cuja estratégia, como percurso metodológico, visa o debate acerca do campo contemporâneo da comunicação junto ao processo de ensino-aprendizagem digital. Ao longo do texto, foram elencadas duas categorias – experiência e subjetividade –, as quais enunciam os *estudos contemporâneos*. As resultantes problematizam elementos das relações humanas na discussão sobre a comunicação, capital e consumo.

Palavras-chave: Comunicação. Consumo. Estudos contemporâneos.

Contemporary performance in digital teaching-learning process

Abstract: Between communication and culture, this paper presents an essay about the presence, in order to highlight the complexities and contradictions of today. It is a writing exercise whose strategy, as methodological approach, aims to debate about the contemporary field of communication with digital teaching and learning processo. Throughout the text, were listed two categories - experience and subjectivity - which set out the *contemporary studies*. The resulting problematize elements of human relations in the discussion of communication, capital and consumption.

Keywords: Communication. Consumption. Contemporary studies.

Quero mais de que tudo dizer a verdade,
apenas a verdade, nada mais que a verdade.

Evitar desperdícios.

Mas, as circunstâncias, o ônus da prova, os créditos,
os inquéritos, as avaliações...

(LYRA, 1998, p. 78)



Preliminares

A epígrafe que inaugura este texto clama por um valor de verdade, que se repete, como gesto de presença a fortalecer sua intensão. Essa máxima (de verdade) está à prova concreta, com ênfase no testemunhal. O relato demonstra a participação do(a) outro(a) em cena e equaciona a expectativa, talvez, de se atribuir sentido. Antes, porém, deve-se tomar cuidado para não antecipar o ato investigativo de discutir o objeto e sua respectiva contextualização. A ciência e a filosofia, por assim dizer, procuram promover tal atributo de verdade como reconhecimento fecundo da expressão humana. Mas, nem sempre isso se torna possível. Afinal, ativa-se o cotidiano com a experiência vivida, inclusive no âmbito que estabelece a diretriz do discurso. Por ora, considero a verdade, indicada por Lyra (1998) na epígrafe, como estratégia para tentar assimilar uma ação instigante, sobretudo no estado alterado, que se verifica a fragilidade o sujeito contemporâneo em detrimento das coisas no mundo.

Entre comunicação e cultura, este texto apresenta um ensaio sobre a presença, a fim de destacar complexidades e contradições da atualidade. Mais que isso, segundo Gumbrecht (2012), dissonâncias e colapsos ressaltam a atmosfera, conforme Bauman (2013), de danos colaterais, a propor uma reflexão. Seria um exercício de escrita cuja estratégia, como percurso metodológico, que visa o debate acerca da sociedade, em especial o campo contemporâneo da comunicação junto ao processo de ensino-aprendizagem digital. Ao longo do texto, foram elencadas duas categorias – experiência e subjetividade –, as quais enunciam os estudos contemporâneos como produção de conhecimento.

Importante destacar que tais responsabilidades possibilitam fluxos de informações e espetacularidade que, segundo Vargas-Llosa (2012), transitam em diversos segmentos acadêmicos e/ou mercadológicos. Constata-se um enlace, por exemplo, entre escola (educação) e empresa (mercado). Grosso modo, são estudos que investigam um fértil território de agenciamento/negociação. Trata-se de uma integração entre sujeito (usuário-interator) e máquina digital, em que se evita a hierarquização e a centralização para possibilitar o deslocamento da informação e do saber como características pontuais no processo de ensino-aprendizagem da



sociedade contemporânea. Essa aproximação sujeito e máquina revigora a produção do conhecimento.

Eminentemente, um ensaio convida o(a) leitor(a) ao desafio de ampliar o olhar na expectativa de enfrentar a realidade investigada a partir de uma perspectiva reflexiva (o pensar). Todavia, os critérios formais no formato de ensaio assimilam traços, fragmentos e vestígios da sociedade – em especial na sociedade atual – como condição adaptativa a incluir apontamentos teóricos e políticos, a fim de promover um posicionamento intelectual e social. Essa opção enquadra ideias e parâmetros arquitetados pelo discorrer de um pensar que se faz em confluência com o relato executado na escrita. Portanto, estabelece-se uma escrita contemporânea.

Realizadas essas primeiras anotações, passo a abordar reflexões de uma experimentação investigativa a respeito do contemporâneo, sobretudo o processo de ensino-aprendizagem digital.

Gesto de presença

Entre presença e sentido instaura-se uma tensão, capaz de intensificar de acordo com os efeitos tal agudeza. Se a presença pode determinar a manifestação recorrente das coisas no mundo, bem como o sujeito, o sentido interpela-se pelo sentir. Tal perspectiva inscreve-se o campo hermenêutico e a materialidade da comunicação, investigados exaustivamente por Gumbrecht (2010). O autor desafia o estatuto da exclusividade da interpretação e da significação provenientes do sentido. Mais que isso, pondera uma condição adaptativa de flexibilidade à presença, valendo-se apenas da universalidade (absoluta) de atributos do sentido (*res extensa*). Verifica-se uma posição distante da ideia de interpretação centrada no sujeito. Para Gumbrecht (2010, p. 13), “a palavra ‘presença’ não se refere (pelo menos, não principalmente) a uma relação temporal. Antes, refere-se a uma relação espacial com o mundo e seus objetos”. Isso remete à noção de contemporâneo, uma vez que o tempo não seria a única variante (precisa) para pontuar a qualidade da representação das coisas no mundo, muito menos o sujeito. A presença tem a ver com a materialidade da comunicação, que possibilita a observação, descrição e discussão



dos elementos a serem pautados. Ainda para este autor, ao escrever sobre o campo contemporâneo da comunicação:

Estou tentando não condenar nem dar uma aura misteriosa ao nosso ambiente mediático. Ele alienou de nós as coisas do mundo e o presente – mas, ao mesmo tempo, tem o potencial de nos devolver algumas coisas do mundo. E se de novo se tornasse algo claro que estar sentado à mesma mesa para jantar (ou dá no mesmo, fazer amor) não tem a ver só com comunicação, não é simples “troca de informação”, então talvez se tornasse importante e útil – não só para alguns intelectuais românticos – ter conceitos que nos permitam apontar o que nas nossas vidas é irreversivelmente não conceitual (GUMBRECHT, 2010, p. 173).

Talvez, seria a incompreensão da experiência vivida associada à denominação e/ou à nomeação percepto-cognitiva do evento/acontecimento. O que gera, quem sabe, tal dimensão *irreversivelmente não conceitual*. Nessa (dis)sociabilidade dos fatos, (re)dimensiona-se a troca de informações, cujo desafio inscreve a força do passado, no resgate da memória, que se presentifica, conforme Gumbrecht (2010). “O retorno do passado nem sempre é um momento libertador, mas um advento, uma captura do presente” (SARLO, 2007, p. 9). Entre o presente e o passado, determinados momentos podem ser absorvidos pelos elementos disponíveis na cena memorável, mediante as derivativas do *aqui-agora*, que tentam resgatar com a atualização de sentido.

Estudos contemporâneos

Tal experimentação de presença delineia o saber atestado pela complexidade (o *complexus*) efervescente e contínua do pensamento desdobrado em uma infinita fluidez (ação) sobreposta no contexto/objeto. Com isso, o contemporâneo contempla atividades que cooperam entre si na presença – como desígnio de auto-realização, *autopoiesis*, conforme Maturana (1997).

Elas compõem uma experiência (inter)mediada por uma manifestação quase indescritível do objeto e sua correlação contextual. Ou seja, (re)dimensionam-se aspectos econômicos, identitários, socioculturais e políticos, a partir de estudos contemporâneos, como os de Canclini (2008); Eagleton (2012); Gumbrecht (2010); Hall (2002); Pelbart (2013); Vargas-Llosa (2012) e Villaça (2011), a efetivar produção



do conhecimento. Por isso, os estudos contemporâneos, como produção de conhecimento possibilitam um posicionamento teórico e político em uma proposta crítico-conceitual equaciona estética, técnica e ética.

A expectativa dos estudos contemporâneos seria investigar um contexto capaz de prolongar a expressão de “novas/outras” possibilidades, evidencia-se uma dinâmica que pontua a fruição de diferentes áreas do conhecimento, para Bassit (2010), tais como: arte, design, moda, publicidade etc. Essas áreas, conforme Maturana (1997), desdobram-se o interdisciplinar e convergem em redes de coordenadas de conversações. Enfim, isso se arma pela manifestação do objetivo proposto: tentar inovar a discursividade agenciada pelas estratégias que informam acerca de mercado-mídia (e o consumo). Como desdobramentos dessas implicações, segundo Gumbrecht (2010), aciona-se uma atmosfera investigativa interdisciplinar sobre as tramas da presença.

Ao tentar acompanhar as modificações das coisas no mundo, em especial na contemporaneidade, pode-se relacionar as consequências de tais mudanças quando se introduz a dinâmica das tecnologias emergentes na educação e na sociedade. Ações, imagens, sons e/ou experiências têm provocado mudanças significativas na constituição e formação do sujeito contemporâneo, inclusive no processo de ensino-aprendizagem digital. Por isso, torna-se fundamental perceber as diretrizes educacionais contemporâneas que fortalecem o desempenho de competências e habilidades nesse processo de ensino-aprendizagem na cultura digital, entrelaçado às redes sociais, a internet e/ou o telefone celular.

Isso restitui uma escritura de ideias e conceitos acerca do processo de ensino-aprendizagem na cultura digital a renovar o discurso contemporâneo atento à sociedade. Atualizar refere-se à disposição de uma condição adaptativa para deslocar os enunciados discursivos. Atualizar implica mais que considerar as (re)configurações que inovam, reinscrevem, reinventam os dados do produto, do objeto, do resultado. No discurso da contemporaneidade, utilizo o termo “atualizar” para apontar “novos/outras” parâmetros, que às vezes podem ser mais coeso e/ou coerente, dependendo da flexibilidade e do deslocamento necessários dos enunciados. Revolve-se a ideia de contemporâneo. Ao tentar atualizar um discurso aproxima-se do contexto reformulado como nova imagem, nova aparência, nova possibilidade, novo



caminho. Destaque: atualizar requer aproveitar/otimizar recursos e diretrizes, já instalados (ou a serem), para se obter remodelações que intensificam a vivacidade de cada ação atualizadora, como somatório constante de (re)formulações e novidades. Somatório que pode gerar danos tanto positivos quanto negativos, dependendo de sua incursão técnica. Eis a imagem: quanto mais, melhor – como bola de neve. Algo que se acrescenta e se diferencia. Para tanto, pretende-se relacionar a cada objetivo específico, uma atenção específica.

Os estudos contemporâneos podem ser julgados como experimentação acadêmica e intelectual, uma proposição emergente de valores a serem trabalhados – algo novo, ainda em discussão. Isso demonstra uma articulação peculiar de estratégias discursivas em processo. Tais estratégias são mecanismos que (re)instauram a condição adaptativa do objeto, cuja leitura crítica apoia-se nos estudos contemporâneos. Esse último suplementa categorias como: alteridade, ambiguidade, desejo, diferença, gênero, imaginário, intertextualidade, ironia, fronteira, poética, resistência e subjetividade. O movimento meticuloso desses estudos serve para “novas/outras” derivativas se expandem e estão empenhadas na promoção do conhecimento humano e sua carga afetiva.

As impressões acerca do contemporâneo inserem “novas/outras” abordagens e leituras crítico-conceituais dos enunciados no trânsito mercadológico e/ou midiático. Ecologia, consumo, globalização, meio ambiente, sustentabilidade, por exemplo, envolvem algumas drásticas transformações recorrentes, mediante a urgência do debate. O modo de olhar contemporâneo tenta transformar imagens, contextos, objetos, produtos e/ou processos. Mudanças que com sua voracidade afetam o intempestivo cotidiano; que reitera a morada das coisas no mundo. Mudar para tentar melhorar.



Campo contemporâneo da comunicação

O campo contemporâneo da comunicação, segundo Bauman (2008), estratifica-se no viver compartilhado pelas tecnologias emergentes e pela lógica do mercado-mídia que acentuam o impacto do consumo. O violento volume de manifestações pulsantes na sociedade está (de)marcado pelo foco no consumo, enfático de táticas ferozes, com seus enunciados eloquentes. Por isso, vale o pensar com profundidade.

Estrategicamente, o fluxo de intercâmbio (re)vela um registro aberto – em constante transformação – e, por isso, necessita de uma ordem intercambial. Embora, intercambiar seria muito mais que trocar informações, pois garante o desdobramento sistêmico, fazendo com que cada eixo, cada percurso, cada bifurcação articule a dinâmica de resultados híbridos. Isso só é possível com um pensamento contemporâneo capaz de validar aberturas necessárias para trocas e/ou intercâmbios (re)feitos em compartilhamento de ideias e soluções criativas.

São muitas as possibilidades comunicacionais do sujeito no cotidiano, em sua sujeição (inter)subjativa contingencial. Entre natureza e cultura, urge o sujeito envolto ao ato comunicacional. Para garantir um diálogo, é preciso que a memória esteja viva. Tão viva quanto à possibilidade de o pensar (saber) e o agir (fazer), que consolidam uma sutura a se estender nas artimanhas de teoria e prática. Ao reiterar o pensar e o fazer, a atualização incorpora fatos que surgem com a experiência cotidiana na aplicação da pesquisa – daquele instante da produção de conhecimento – como ato constituinte imbricada de atualizar teoria (o saber) e a prática (o fazer).

A partir da presença, olhar para os estudos contemporâneos seria (re)considerar as atualizações e as inovações recorrentes na sociedade. Ao sujeito contemporâneo faz-se imprescindível estar atualizado com a informação, inclusive ao observar as tendências do mercado-mídia. Para o mercado, inovar seria, decididamente, criar “novos/outros” produtos e/ou serviços. Para a mídia, para Garcia (2013), cabe o lançamento de novidades.

Segundo Eagleton (2005, p. 166), “nenhum estilo de vida na história tem sido mais amante da transgressão e da transformação, mais emaranhado do hibridismo e do pluralístico do que o capitalismo”. O capital é um referente significativo que



comanda e atualiza a lógica mercadológica, que inclui, conforme Baitello Jr. (2010), as capilaridades da comunicação. Com isso, destaca-se o consumo no mercado-mídia, na atualidade, de acordo com distintas maneiras de experimentar, avaliar e conferir o processo de desenvolvimento como produção de conhecimento.

Na vulnerabilidade de espaço-tempo, o contemporâneo agrupa e reformula pontos de investigações crítico-conceituais que se desdobram com a prática e o pensamento (re)inscritos por avanços e avatares tecnológicos – sobretudo com as implementações dinâmicas da cultura digital. Efetivam-se noções de interface e interatividade que se impõem pela possibilidade de sincretizar linguagens (verbais e/ou não verbais) hipermediáticas, em tecnologias emergentes. Sem utopia, a ideologia se transpõe, agora, à tecnologia. Mudou o destino dos fatos. Bússola nova. Trocam-se as velhas posições conservadoras pela novidade sofisticada dos aparatos tecnológicos da cultura digital. A cultura digital sem a impressão humana não é nada, porque necessita de um valor. Isto é, o desenvolvimento tecnológico deve se basear, também, na preocupação sociocultural e política.

O efeito verte um atrator significativo para ressaltar impacto, surpresa, inovação e novidade. Esses feixes de efeitos equacionam uma maior distensão a representação e contexto, sobretudo na escritura expandida pela atualidade. Experimentar, nesse caso, seria a palavra de ordem, em que as coisas do mundo agora podem ser tocadas e as novidades ressurgem com a artimanha interativa de envolver os participantes. Seria intervir nessas coisas para mudar. É renovar as (de)marcações com a força das mudanças registradas pelo deslocamento de ideias e ideais.

A noção de contemporâneo, portanto, segundo Bhabha (1998), recorre-se de instabilidades a fluir uma dinâmica muito própria, (de)marcada por um estado provisório, parcial, inacabado e efêmero, em um grau significativo de indecidibilidades, com expressões incomensuráveis. Ou seja, deslizante, latente, pulsante, plural, multidimensional. Diante de tamanha instabilidade, sem dúvida, isso requer (re)pensar a respeito das ações pulsantes, latentes, que estremecem e acusam efeitos de sentidos. Alto grau de instabilidade recombina conceitos, dados, informações e inquietudes. Essas instabilidades ilustram as expressões que associam uma condição contemporânea, capaz de prever a flexibilidade e o deslocamento como



atividades inerentes à linguagem e suas caracterizações: não-linear, fragmentada, descontínua, simultânea, heterogênea, sincrética, acelerada, aberta, hermética, paródica, incompleta e impactante. Porém, cuidado leitor(a), pois não seria um “valeduto” mediante distintas inserções. Pelo contrário, a eclética (re)paginação paradoxal dos dados tenta (re)inscrever os objetos, sujeitos e suas representações no contemporâneo. Ainda que acarretem uma possibilidade de risco, já que o perigo apresenta-se pelo desconhecido: aquilo que está por vir. São resíduos que compreendem e acusam o efeito – longe da busca de sentido.

A partir do campo contemporâneo da comunicação, Villaça (2011, p. 81-2) afirma:

As discussões em torno de investimento/esvaziamento simbólico do espaço, seja ele público, privado, seja urbano, vêm se multiplicando na atualidade. A velocidade das transformações contemporâneas faz com que cada vez mais o espaço não seja visto como exterior ao sujeito, seu cenário, coisa extensa, passando a elemento constitutivo de sua estruturação. Pensar a crise que atinge o homem contemporâneo é pensar seu imaginário, os processos de subjetivação, suas representações do tempo e do espaço. Melhor do espaço/tempo. Os enfoques do assunto nos diversos campos do saber, vão dos apocalípticos espaços desertificados pelos progressos, pelos fluxos globais e espaços virtuais ao apelo às cidades referenciais, com histórias e memórias bem construídas. Nos interstícios dessas duas posições extremas, constroem-se outros imaginários espaciais, criado pelo investimento pontual de pessoas e grupos, desenha-se a possibilidade do reinvestimento simbólico, seja no real, seja no virtual.

Esse estranhamento entre sujeito e espaço, atualmente, deve ser anotado como experiência a ser vivida e reconhecida pela sua (re)dimensão percepto-cognitiva da presença. Se a cultura digital influencia o estatuto da representação e seus referentes, agora, o sujeito deve avaliar sua forma de conduzir a experiência-mundo; que está em xeque. Do que comporta o cotidiano, o campo contemporâneo da comunicação agencia/negocia “novas/outras” chances de estabelecer mensagens significativas de diálogo e adesão; como fidelização (de marca, produto e/ou serviço) processo relacional de sujeito/objeto. Conforme Baitello Jr. (1997, p. 78):



O contemporâneo apresenta-se como rede na qual os acontecimentos se desenvolvem indissolivelmente associados ao seu contexto. Nada se dissocia de nada, tudo se associa a tudo. A causa se transforma em caso e inaugura com isto uma reação em cadeia da qual o receptor participa com sua presença, com sua percepção, com suas emoções. Acontecimento e percepção do acontecimento são temporalmente inseparáveis. O contemporâneo destrói a temporalidade; resta apenas a simultaneidade como elo que liga o que passou com o que está por vir.

O contemporâneo, talvez, pudesse ser indicado como rede de intermediários, na qual se elencam diretrizes plurais para se estabelecer a informação, em fluxo recorrente. Longe de encadeamentos, continuidades e/ou sucessivas sequencialidades formais, reguladoras, são dinâmicas contingenciais da presença. Não obstante, o campo contemporâneo da comunicação equaciona as articulações imperativas do consumo cujo esgotamento parece não ter escapatória. Certifica-se a presença com o consumo.

Educação e tecnologias emergentes

O processo de ensino-aprendizagem no atual cenário brasileiro ocorre por meio de diferentes discursos (alternativas, variáveis) e faz parte de uma rede de significações que perpassa a constituição e a formação do sujeito. Para pensar esse processo de ensino-aprendizagem torna-se necessário prever a atualização dessas alternativas tecnológicas, como discurso educacional que se apropria do estado de reformulação de nova imagem, nova mensagem, nova aparência e/ou nova possibilidade. Deve-se reaprender o processo de ensino-aprendizagem diante da influência das tecnologias emergentes, em especial quando se trata de integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social.

“Uma mudança qualitativa no processo de ensino/aprendizagem acontece quando conseguimos integrar dentro de uma visão inovadora todas as tecnologias: as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais” (MORAN, 2000, p. 137). Isso requer da educação contemporânea o aproveitamento de recursos e diretrizes, já instalados (ou a serem), para se obterem remodelações do processo de ensino-aprendizagem, que intensifiquem a vivacidade de cada condição educativa; como somatório recorrente e contingencial de (re)formulações e novidades. Evidente que tal situação pode gerar danos, tanto positivos quanto



negativos, de acordo com a incursão didático-pedagógica associada à tecnológica. Mediante a cultura digital, esse processo se renova. A dinâmica relacional que abrange o processo de ensino-aprendizagem atual (re)qualifica os envolvidos pela lógica da sociabilidade, enquanto ato do convívio humano com a cultura digital. Para Maturana (1997, p. 29):

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca.

Na expectativa de deixar mais claro o problema da educação junto às tecnologias emergentes, o discurso educacional parece ressignificar a produção do conhecimento, em consonância com a mudança do modo de perceber a vida. Por exemplo, a aparelhagem tecnológica (telefone celular, mp7, etc.) deve ser vista/lida como extensão do corpo dos estudantes e, sendo assim, torna-se (quase) impossível proibir o uso de tecnologias quando se fala em uma cultura digital inclusiva. Por sua vez, essas tecnologias impactam a produção de bens e serviços e no conjunto das relações sociais, há a modificação dos conceitos de tempo, espaço e realidade. São tecnologias que provocam um repensar, em termos de realidades virtuais a se atualizarem. Essas questões apontam para itens básicos das configurações futuras, em termos sociais, tais como o modo de produção, as tecnologias da comunicação e a democracia política.

Na dinâmica relacional entre mercado e mídia, atrelada à cultura digital, a informação toma lugar de destaque na relação educação e sociedade. Logo, pondera-se o sistema de valores da informação no processo de ensino-aprendizagem. Para Canclini (2008, p. 18), “a educação e a formação de leitores e espectadores críticos costumam frustrar-se pela persistência das desigualdades socioeconômicas, e também porque as políticas culturais se desdobram num cenário pré-digital”. Diante de tal possibilidade, os parâmetros para admitir a participação do sujeito, na linha de raciocínio do autor citado, baseiam-se na lógica mercadológica do consumo. Essa ação de consumo mostra-se como fator determinante da sociedade em crise e coloca em xeque os princípios éticos da própria educação contemporânea. Trata-se de



(re)considerar a profundidade e a veracidade dos dados, em contraponto à superficialidade e a fragilidade (falsária) dos mesmos. Isso acontece com o pensamento contemporâneo, que é capaz de validar aberturas necessárias para intercâmbios (re)feitos em compartilhamento estratégico de projetos, experiências e soluções criativas.

Considerações finais

O gesto contemporâneo equivale à dinâmica material da presença, ao estabelecer “novas/outras” possibilidades discursivas da produção de conhecimento. E o sujeito (usuário-interator) se manifesta, cada vez mais, conectado, participativo. Por isso, patamares, cada vez mais agenciados/negociados, derrubam limites que circundam determinadas fronteiras. Fronteira aqui serve para ser abolida – eliminação na certa. Consideram-se, inclusive, as fronteiras que operam a comunicação do sujeito. Logo, os territórios das representações replicam-se acidentais, contaminados, contingenciais, híbridos, mestiços e sincréticos em qualquer sistema contemporâneo. Dito de outra forma, o contemporâneo reveste-se de atualizações crítico-conceituais que vigoram em um percurso metodológico: o fazer imbricado ao saber.

Disso, a cultura digital fortalece as relações humanas no processo de ensino-aprendizagem, quando desdobram a prática e o pensamento (re)inscritos por avanços tecnológicos. Na vulnerabilidade de espaço-tempo, o contemporâneo agrupa e reformula pontos de investigações crítico-conceituais, especialmente com as implementações desse digital. As novidades, hoje, tentam lançar projetos que possam propor novos processos de ensino-aprendizagem digital como atualização e/ou inovação. Por sua vez, as tecnologias emergentes impactam a produção de bens e serviços e no conjunto dessas relações. Isso provoca um repensar questões que apontam para itens básicos das configurações futuras, em termos socioculturais, tais como o modo de produção, as tecnologias da comunicação e a democracia política.

Os deslocamentos de posicionamentos econômicos, identitários, socioculturais e políticos promovem um fluxo recorrente de instabilidades. Isso constitui uma mudança de paradigma, uma vez que aciona o estado de percepção-cognitiva, no qual



envolve o Ser/Estar do sujeito contemporâneo; o que seria fundamental para legitimar sua posição social.

Parece que a verdade eleita neste trabalho, está distante da realidade que pauta a condição humana. Inevitavelmente, as resultantes problematizam elementos das relações humanas na discussão sobre a comunicação, capital e consumo, o que preocupa o acesso para que a informação alcance a sociedade. E, sem dúvida, a diferença impulsiona essa leitura.

Referências

- BAITELLO JR., Norval. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.
- _____. **A serpente, a maçã e o holograma**: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus, 2010.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BASSIT, Ana Zahira (Org.). **O interdisciplinar**: olhares contemporâneos. São Paulo: Factsh, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Danos colaterais**: desigualdades sociais numa era global. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- _____. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- EAGLETON, Terry. **Marx estava certo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- _____. **Depois da teoria**: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GARCIA, Wilton. Uma condição (hiper)mediática. **Tríade**: comunicação, cultura e mídia, Sorocaba, v. 1, n. 2, p. 364-380, 2013.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Atmosphere, mood, stimmung**. Stanford: Stanford University Press, 2012.
- _____. **Produção de presença**. Rio de Janeiro: Contracampo, 2010.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural pós-moderna**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LYRA, Bernadette. **Tormentos ocasionais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1997.

_____. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. **Informática na educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 3, n.1, p. 137-144, set. 2000.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: n-1edições, 2013.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

VARGAS-LLOSA, Jorge Mario Pedro. **La civilización del espectáculo**. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Afaguara, 2012.

VILLAÇA, Nizia. **A periferia pop na idade média**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

Wilton Garcia – Universidade de Sorocaba – Uniso.
Sorocaba | São Paulo | Brasil. Contato:
wilton.garcia@prof.uniso.br

Artigo recebido em maio de 2015 e
aprovado em junho de 2015.